



Redimidos pelo Eterno

O Eterno tomou a iniciativa de nos levar de volta para casa, enviando nosso Redentor, Jesus Cristo, para morrer em nosso lugar na cruz. Ao nos arrependermos e nos voltarmos para o Criador com uma fé salvífica em Jesus Cristo e na suficiência de sua obra, somos redimidos pelo Eterno. Mas afinal, uma vez que cremos o que especificamente o Eterno fez por nós e está fazendo em nós por meio da obra redentora de Jesus? No ato da conversão, Deus consuma então uma obra de salvação consumada em Cristo pelo novo nascido (salvação objetiva) e inicia uma obra de salvação realizada no novo nascido por meio do Espírito Santo (salvação subjetiva).¹

Justificados

No ato da conversão, o Eterno imediatamente imputa ao pecador a justiça de Cristo, vestindo o novo nascido com os méritos de Jesus bem como livrando-o da condenação merecida pelo pecado. Este ato é conhecido pelo termo “Justificação”, muito utilizado por Paulo e retomado pelo vocabulário dos Reformadores. A Justificação é “o ato judicial pelo qual, por causa de Cristo, a quem o pecador está unido pela fé, Deus declara que o pecador não mais está exposto a pena da lei, mas restaurado ao seu favor”.²

Strong destaca o fato de que “merece especial observação que [...] os termos “justificar” e “justificação” contrastam-se não com o processo de depravação ou corrupção, mas com o ato exterior de condenar; merece ainda especial observação que as expressões empregadas para explicá-las e ilustrá-las derivam não da operação interior de purificar a alma ou infundir nela a retidão, mas do processo dos tribunais em seus julgamentos, ou de pessoas ofendidas no perdão dos ofensores. Concluimos que estes termos, enquanto se referem a relação dos pecadores com Deus, significam um ato declarativo e judicial de Deus, exterior ao pecador e não um ato eficiente e soberano de Deus mudando a natureza do pecador e fazendo-o subjetivamente reto.”³ Isto quer dizer que a justificação é uma declaração de Deus a nosso favor, nos livrando das penalidades de nossos pecados: somos declarados justos em Jesus Cristo, mesmo não sendo justos. A Justificação não nos transforma em pessoas justas, mas descansa na justiça de Cristo.

A Confissão de Fé de Westminster reitera esse importante ponto nos lembrando que “justificação não consiste em Deus infundir neles [convertidos] a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer, ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo, quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, fé esta que possuem não como oriundas de si mesmos, mas como dom de Deus (CFW, Cap. 11, Art. 1). Nos simples termo de Hodge, “justificação é a justiça de Cristo imputada ao crente”.⁴ Neste sentido, “Justificação é uma declaração legal feita por Deus de que pecadores crentes são justos [...] Os Reformadores corretamente entenderam o verbo “justificar” como significando “declarar justo” e “não fazer justo” como Agostinho de Hipona e os escolásticos medievais supunham”.⁵

Strong declara que os efeitos da justificação são a remissão dos pecados e a restauração do favor, pois “além do livramento da punição, a justificação implica o tratamento que Deus dá ao pecador como se ele fosse e tivesse sido pessoalmente justo. A pessoa justificada recebe não só a remissão da pena, mas a recompensa prometida da obediência.”⁶ Petigru nos faz compreender de maneira mais clara esse mecanismo de imputação: “Adão como o representante do homem pecou, e seu pecado foi imputado a todos os seus descendentes, e eles foram tratados como sendo pessoalmente pecadores. Cristo se colocou também como representante do homem e seus pecados foram imputados a Ele e ele foi tratado como um pecador. Do mesmo modo sua justiça é imputada aos que crêem, e eles são tratados como justos”.⁷

Logo, “este novo status legal que pecadores tem em Cristo é atrelado inteiramente a obra de Cristo. Cristo não é nenhum acréscimo de justiça a qual Deus possa encontrar em pecadores. Eles são declarados justos somente com base na morte expiatório de Cristo”.⁸ Lembrando a citação de Calvino, que afirmou que “o Filho de Deus, totalmente puro de qualquer

¹ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1182

² STRONG, August Hokins. *Teologia Sistemática*: Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2003, p.577

³ STRONG, August Hokins. *Teologia Sistemática*: Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2003, p.584

⁴ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1113

⁵ EVESON, PHILIP H.: *The great exchange: Justification by faith alone—in the light of recent thought*. Leominster, UK : Day One Publications, 1996, p.64

⁶ STRONG, August Hokins. *Teologia Sistemática*: Vol. II. São Paulo: Hagnos, 2003, p.587

⁷ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.400

⁸ EVESON, PHILIP H.: *The great exchange: Justification by faith alone—in the light of recent thought*. Leominster, UK : Day One Publications, 1996, p.64

falta, ainda sim tomou sobre si mesmo a vergonha e a reprovação de nossas iniquidades, e em retorno nos vestiu com sua pureza”.⁹ A metáfora da vestimenta utilizada por Calvino é bastante própria para nos mostrar que em Cristo Deus de fato concluiu seu projeto de vestir o homem deixado nu pelo pecado em uma referência a Gênesis 3. Portanto, a justificação é “um ato, e não é, como na santificação, uma obra contínua e progressiva”.¹⁰

No instante da conversão, somos declarados justos e adotados por Deus Pai através do Deus Filho: “A todos os que são justificados, Deus se digna fazer participantes da graça da adoção em e por seu único Filho Jesus Cristo. Por essa graça, eles são recebidos no número e gozam a liberdade e privilégios dos filhos de Deus, têm sobre si o nome dele, recebem o Espírito de adoção, têm acesso, com confiança, ao trono da graça, e são habilitados, a clamar “Abba, Pai”; são tratados com piedade, protegidos, providos e corrigidos por ele, como por um pai; nunca, porém, abandonados, mas selados para o dia da redenção, e recebem as promessas como herdeiros da eterna salvação”. (CFW, Cap. 12, Par. 1). Assim, a experiência de ser justo e ser filho diante de Deus estão intimamente conectadas, pois assim como o filho simplesmente é filho independente de sua atuação como filho, somos justificados diante de Deus por Cristo independente do que fazamos.

Santificando

O termo “Justificado” sugere algo pronto e acabado, mas o termo “Santificando” invoca uma ação que se alonga no tempo, algo que ainda está sendo realizado. Pois bem, é isso que a santificação é: um processo. Enquanto a justificação é algo que Cristo faz por nós, um ato de declarar-nos justos, um ato que muda nossa relação com Deus de uma vez por todas, a santificação é algo que o Jesus está fazendo em nós, um processo de moldar em nós uma pessoa justa, nos transformando pessoalmente dentro do relacionamento com o Pai.¹¹

Podemos pensar na santificação como o processo no qual o Espírito Santo trabalha em nós para nos transformar pessoalmente naquilo que já somos para o Pai como crentes justificados: santos! Aos olhos do Pai, em Cristo, somos justos e santos por causa da justificação. Por isso o Espírito de Cristo está trabalhando em nós para moldar nossos pensamentos, sentimentos e atitudes a essa nova vida, a esse novo homem que está vivo em nós por meio do Espírito Santo.

Hodge nos lembra que a santificação é uma obra sobrenatural realizada por Deus em nós e não se trata de uma mera reforma moral, uma melhoria ética. Pessoas podem fazer melhorias morais em suas vidas e isso é algo louvável, mas “tal reforma externa pode deixar o caráter interior de um homem intocado na perspectiva de Deus. Ele permanece destituído de amor por Deus, de fé em Cristo, e de todos os exercícios santos e afeições”.¹² A santificação é sobrenatural no sentido de que é uma ação do Espírito Santo, que gera em nós o fruto do Espírito, ou seja, uma transformação pessoal verdadeira, profunda, sólida e constante a fim de que sejamos cada vez mais a imagem de Jesus Cristo, nosso Salvador. É uma ação do Espírito pois “nenhum homem pode lavar ou purificar seu coração ou sua vida. A ele falta especialmente a vontade de fazer isso. Se ainda sim ele determinasse fazer isso, as tentações, que vão assaltá-lo, iriam logo subjugar esta vontade”.¹³ Assim, o Espírito Santo é o ator principal dessa obra na qual somos convidados a co-participar de maneira consciente e responsável. Petigru destaca que embora o Espírito Santo seja o ator da salvação, “não é uma obra na qual o crente é um recipiente passivo, mas alguém que ativamente coopera”.¹⁴

A santificação então é um processo no qual o Espírito Santo está restaurando a imagem de Deus em nós que foi quebrada pela queda. E como o Espírito Santo nos santifica? A CFW ensina que o processo de santificação é desenvolvido em nós pela nossa mortificação para o pecado por um lado, e pela vivificação da graça em nós: “o domínio de todo o corpo do pecado é destruído, as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas, e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor” (CFW, Cap. 13, Art. 1). Além disso o Espírito Santo nos santifica através dos meios de graça: O Espírito Santo faz com que as Escrituras, dos Sacramentos, da comunhão, da oração e outros exercícios espirituais sejam canais da graça, através dos quais nos une mais e mais ao Criador e ao nosso semelhante, gerando Cristo em nós.¹⁵

É importante destacar que enquanto a justificação é um ato imediato de Deus ao nos declarar justos, a santificação é um processo que jamais termina. Mesmo depois do novo nascimento ainda vive em nós a natureza pecaminosa de nossos primeiros pais, de maneira que vivemos entre a tensão de obedecer os desejos pecaminosos de nossa natureza e obedecer a voz do Espírito Santo (CFW, Cap. 13, Art. 2), tensão essa que será dissolvida no retorno do Senhor .

⁹ CALVIN, *Institutes*, Bk.2, ch. xvi, para.6 (Battles, Vol.1, p. 510)

¹⁰ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001., p.1134

¹¹ HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997, p.

¹² HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

¹³ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.411

¹⁴ BOYCE, JAMES PETIGRU: *Abstract of Systematic Theology*. Bellingham, WA : Logos Bible Software, 2010, p.416,417

¹⁵ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p.1195